



## Apontamentos para uma abordagem tensiva da metáfora

Ricardo Lopes Leite\*

**Resumo:** Este artigo analisa a metáfora sob o viés da semiótica tensiva. O objetivo central é avaliar o rendimento analítico do aparato conceitual dessa proposta teórica na elucidação dos efeitos de sentido resultantes dos diferentes modos de manifestação da metáfora em diferentes tipos de textos. A base teórica utilizada toma como referência os trabalhos de Fontanille (2007), Fontanille e Zilberberg (2001) e Zilberberg (2004; 2006a; 2006b; 2007). Para examinar o funcionamento tensivo da metáfora, este estudo parte da suposição de que ela se deixa apreender no discurso em diferentes graus de presença, de intensidade. Além disso, a metáfora é assumida como um mecanismo de produção de sentidos, que estabelece a tensão entre duas ou mais isotopias, servindo-se, para isso, da disposição dos conteúdos discursivos em profundidade e de diferentes modos de existência semióticos. Ao estabelecer a aproximação tensiva entre planos de significação distintos, a metáfora reclama por uma sintaxe concessiva, que a torna um fenômeno impactante e inesperado, da ordem do *acontecimento*. Todavia, a análise de um pequeno exemplário de textos demonstra que fatores de ordens diversas podem contribuir para graduar o impacto da metáfora, aproximando-a ora do acontecimento, ora do fato, da rotina. Espera-se, assim, aprofundar a discussão acerca do papel dos elementos tensivos no funcionamento da metáfora no discurso em ato.

**Palavras-chave:** metáfora, tensividade, isotopia, acontecimento, concessão

## Introdução

No *Dicionário de semiótica*, Greimas e Courtés (2008, p. 305) escrevem que “a literatura consagrada à problemática da metáfora pode constituir sozinha uma biblioteca”. Com efeito, trata-se de um fenômeno estudado há pelo menos dois mil anos, cujos contornos não foram ainda de todo estabelecidos. Além disso, a mescla de posicionamentos teóricos impede a formulação de uma definição unívoca.

Em linhas gerais, a tradição descreve a metáfora no quadro da palavra ou da frase. No primeiro caso, como resultado da substituição de um lexema por outro, em determinados contextos, operada sobre um fundo de equivalência semântica (identidade sêmica parcial); no segundo caso, como resultado de uma operação predicativa que promove a interação entre *tópico*, o termo metaforizado, e *veículo*, o termo metaforizante (cf. Ricoeur).

Sem pretensões de fazer uma recensão histórica ou provocar confrontos teóricos, assumimos o seguinte ponto de vista em relação ao tema: embora a metáfora possa ser analisada no âmbito da palavra ou da frase, sua manifestação como fato discursivo somente é possível na sintagmatização do texto, o que nos obriga a

vê-la como dispositivo de produção de sentidos e não somente como figura retórica circunscrita à palavra ou como uma impertinência semântica no nível da frase.

A metáfora se apresenta no discurso como “conector de isotopia” que, quando irrompe no nível da manifestação, estabelece a tensão entre pelo menos dois planos de significação, distintos em certos aspectos e semelhantes em outros (Greimas e Courtés, 2008, p. 307). Mediante essa tensão, instaura-se uma configuração de sentido que pode ser lida, pelo menos, de dois modos, sob duas ou mais isotopias. Essa sobreposição de sentidos permite ao leitor a passagem de uma para a outra, e, por conseguinte, a leitura plural do texto. Como resultado, temos a diluição da distinção entre sentido literal e metafórico, tão cara aos estudiosos da metáfora, pois nessa dimensão de análise é a dinâmica do discurso que define o que deve ser visto como metafórico ou não.

Isto nos leva a refletir sobre o funcionamento da metáfora no quadro da semiótica tensiva, na medida em que nessa perspectiva teórica o foco da análise passa a ser o *processo* (a metaforização) e não o *produto* (a metáfora). Em outros termos, a metáfora passa a ser examinada no discurso em ato, que centra o foco nos mecanismos enunciativos e destaca o papel da

\* Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: (rleite32@hotmail.com).

percepção e do corpo na geração do sentido, reintroduzindo, assim, a dimensão do sensível e o contínuo nas preocupações da semiótica.

Vários são os textos que abordam o funcionamento de figuras e *tropos* sob a ótica tensiva (cf. Fontanille; Fontanille e Zilberberg, 2001; e Zilberberg, 2006a, 2006b, 2007). Nesses escritos, encontra-se o aparato teórico-analítico necessário para o estudo aprofundado desse tema, muito embora não haja uma preocupação direta para aplicá-lo às diversas possibilidades de apreensão da metáfora em diferentes tipos de texto.

Nosso estudo pretende, pois, se deter no exame do rendimento analítico das categorias da semiótica tensiva na elucidação dos efeitos de sentido resultantes de diferentes modos de manifestação da metáfora no discurso em ato\*\*.

## 1. O funcionamento tensivo da metáfora

Zilberberg (2006b) apresenta as seguintes características como definidoras de uma gramática tensiva: a) o relevo dado à afetividade na produção do sentido; b) a primazia do contínuo sobre o descontínuo, ou seja, a prevalência de uma semiótica dos intervalos sobre uma semiótica das oposições, ainda vigente nas correntes estruturalistas e c) a centralidade da noção de *acontecimento*, com sua lógica concessiva, na dinâmica do discurso. No mesmo texto, o semiótico assim define a tensividade:

(i) a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade – ou seja, os estados de alma, o sensível – e a extensividade – isto é, os estados de coisas, o inteligível – unem-se uma a outra; (ii) essa junção indefectível define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm acesso ao campo de presença: pelo próprio fato de sua imersão nesse espaço, toda grandeza discursiva vê-se qualificada em termos de intensidade e extensividade, (iii) em continuidade com o ensinamento de Hjelmslev, uma desigualdade criadora liga a extensividade à intensidade: os estados de coisa estão na dependência dos estados de alma (Zilberberg, 2006b, p. 169).

Ao serem inseridas no espaço tensivo, as grandezas semióticas deixam de ser discretas e passam a ser tomadas como graduais e dotadas de orientação e profundidade. Seguindo esta linha de raciocínio, o *valor* de uma grandeza consiste na associação de uma valência intensiva com uma valência extensiva. A primeira diz respeito à energia, à força presente em

uma grandeza, enquanto a segunda refere-se à extensão do campo controlado pela intensidade, temporal e espacialmente. A dimensão da intensidade se constitui como produto das subdimensões do andamento e da tonicidade, além de reger a extensividade, enquanto esta é o produto das subdimensões da temporalidade e espacialidade. Por conseguinte, “a presença conjuga, em suma, forças de um lado, e posições e quantidades, de outro (Fontanille, 2007, p. 76). Intensidade e extensividade mantêm entre si relações conversas (quanto mais... mais; quanto menos... menos) ou inversas (quanto mais... menos; quanto menos... mais).

A eficácia dessas operações se mostra de modo mais evidente nos desdobramentos do cruzamento “homogêneo” de subdimensões pertencentes tanto à mesma dimensão quanto a dimensões distintas. Em relação ao primeiro caso, podemos ter: a) o cruzamento de subdimensões na dimensão da intensidade, em que o produto do aumento do andamento e da tonicidade é um valor impactante, de superlativização, ou b) o cruzamento de subdimensões na dimensão da extensividade, em que o produto da maior extensão temporal e da maior extensão espacial tem como resultante os chamados “valores de universo”. Na combinação de subdimensões pertencentes a dimensões distintas, por sua vez, o andamento rege a duração por uma correlação inversa, pois *quanto mais* elevada for a velocidade, *menor* será a duração. Já a tonicidade rege a espacialidade por uma correlação conversas, pois *quanto mais* forte for a tonicidade, *maior* será seu desdobramento espacial. (Zilberberg, 2006b, p. 171).

O discurso passa a ser visto, então, como um campo de presença, instalado e organizado em torno de uma instância proprioceptiva, cuja modulação perceptiva ora aproxima determinados conteúdos para o seu núcleo, ora afasta-os para sua periferia, o que resulta em diferentes profundidades ou níveis de apreensão dos objetos por ele visados.

Na dimensão tensiva, a metáfora pode ser concebida como uma grandeza que estabelece a tensão entre dois ou mais conteúdos ou planos de significação, isto é, pode ser tomada como um conector de isotopias. No campo discursivo, as isotopias estão dispostas em graus de profundidade distintos, desde as mais fortemente presentes no centro até as mais fracamente presentes na periferia do campo. Quando surge, a metáfora produz uma competição entre isotopias, em que cada uma delas possui uma *força* para atingir a manifestação, mas apenas uma pode ser *realizada*, enquanto as outras permanecem *atualizadas*.

A título de exemplificação, Fontanille (2007, p. 142) apresenta a metáfora “essa mulher é um campo de trigo”, que começa por associar duas isotopias, “a da feminilidade e da agricultura”, situando-as em graus

\*\* Mais uma vez, agradeço ao Professor Dr. José Américo Bezerra Saraiva (UFC) pelas contribuições dadas durante a produção deste artigo.

de profundidade distintos. Desse modo, A isotopia “da agricultura” encontra-se fortemente “realizada”, por conta da expressão “campo de trigo”, enquanto o conteúdo ainda a ser atribuído encontra-se fracamente visado e assumido, “virtualizado”, apenas. No decorrer da interpretação, que resultará em uma analogia (fartos cabelos loiros ou uma colheita promissora, por exemplo), esse conteúdo subjacente, ainda que “fracamente apreendido”, será “fortemente visado”, passando a ser “atualizado”.

Como podemos observar, para instituir a conexão entre diferentes conteúdos discursivos, a metáfora se vale dos graus de presença e dos modos de existência das isotopias. Com base nisso, Fontanille (2007, p. 142) a define como:

Uma microssequência discursiva que compreende ao menos uma fase de “colocação em presença” (um conflito entre dois enunciados ou isotopias, por exemplo) e uma fase de interpretação (a resolução do conflito por analogia, no caso).

Assim como toda grandeza semiótica, a metáfora, ao penetrar no espaço tensivo do discurso, deve ser qualificada em termos de intensidade e extensidade. Partindo dessa suposição, Zilberberg (2004; 2006a; 2006b; 2007) aborda o fenômeno da metáfora de forma bastante original, aproximando-a de sua dimensão sensível. Nessa abordagem, o semioticista se vale, especialmente, das noções de *acontecimento* e *concessão* para analisar o funcionamento tensivo da metáfora.

Segundo Zilberberg (2006a, p. 160)<sup>1</sup>, o acontecimento é “para aquele que vive sua instantaneidade e

sua detonação [...] o produto das subvalências paroxísticas de andamento e de tonicidade”. Trata-se de algo da ordem do inesperado, apreendido como impactante e perturbador. A rotina (ou fato), por sua vez, equivale ao correlato extenso do acontecimento, ou seja, é o resultado do enfraquecimento das subvalências de andamento e tonicidade. No ápice do acontecimento:

A afetividade está em seu auge e a legibilidade é nula. Porém logo em seguida, conforme evolui o amortecimento das valências afetantes, o acontecimento enquanto tal cessa de obnubilar, de obsedar, de monopolizar, de saturar o campo de presença e, em virtude da modulação diminutiva das valências, o sujeito consegue progressivamente, por si próprio ou com auxílio, reconfigurar o conteúdo semântico do acontecimento em estado, isto é, resolver os sincretismos intensivo e extensivo que o discurso projeta (Zilberberg, 2006a, p. 164).

Com base nessas considerações, podemos vincular a metáfora à noção de acontecimento, definindo-a como “aquilo” que *sobrevém* no campo de presença do discurso como algo impactante, afetando o sujeito intensamente, pela dimensão do sensível, mas, ao mesmo tempo exigindo uma resolução da ordem do inteligível, um ato cognitivo que restitua ao sujeito o fio do discurso.

A título de ilustração, poderíamos caracterizar os tipos clássicos de metáfora, no que se refere à sua força, ao seu grau de tensividade, conforme o gráfico abaixo:



<sup>1</sup> Citamos o texto original em francês, mas usamos uma tradução em andamento, de Luiz Tatit, Waldir Bevidas e Ivã Carlos Lopes, ainda não publicada.

De acordo com o gráfico acima, a metáfora criativa ou ousada é *tônica* e de andamento veloz, o que a faz candidata ao *acontecimento*. Já a metáfora convencional, codificada, tende à resolução, pois não é impactante. A catacrese, por seu turno, é praticamente átona, candidata a um fato, à rotina.

Além do par rotina/acontecimento, Zilberberg (2004a; 2006a; 2007) lança mão do par implicação/concessão para explicar o funcionamento da metáfora. Em linhas, gerais, a sintaxe implicativa se expressa pela fórmula silogística “se a, então b”, tem como pivô o *porque* e sustenta a estabilidade das classes, por entender que grandezas contrárias são distantes demais entre si para poderem se aproximadas. A sintaxe concessiva, por outro lado, tem como pivô o *embora* e se traduz pela fórmula *embora a, entretanto b*<sup>2</sup>, que opõe o não realizável e a realização advinda. O exemplo fornecido por Zilberberg (2004a, p. 97) é bastante esclarecedor: a expressão idiomática, de origem francesa “casamento entre uma carpa e um coelho”<sup>3</sup> procura, sob o ponto de vista tensivo, conjuntar aquilo julgado tacitamente como impossível; isto é, duas espécies distintas, um peixe, ligado à água e um roedor, ligado à terra. Para o discurso implicativo, mantém-se a disjunção (“não é possível o casamento da carpa com o coelho *porque* pertencem a espécies diferentes”), enquanto no discurso concessivo, a lógica implicativa é subvertida e a conjunção possível (*embora* a carpa e o coelho pertençam a espécies diferentes, é possível seu casamento).

Zilberberg (2004a, p. 98) afirma que “isso nos leva a pensar que a concessão reclama ‘naturalmente’ a metáfora, na medida em que esta suspende a distância entre duas classes”. Como consequência, pode-se admitir que na implicação prevalece a rotina, uma metáfora-argumento, enquanto na concessão, a metáfora como acontecimento. O autor assim arremata esse elo entre metáfora, acontecimento e concessão:

A metáfora-acontecimento não admite resolução, visto que isso significaria reduzi-la, fazê-la voltar à condição de metáfora-argumento, rejeitada pelo enunciador. Da parte do sujeito, ela espera apenas uma *medida*, pois ele “limita-se a constatar e apreciar o fenômeno luminoso” (Zilberberg, 2006a, p. 182).

Sem pretensões de anular a posição de Zilberberg, pretendemos matizar a manifestação da “metáfora-acontecimento”, por meio de nossas análises. Conforme veremos adiante, fatores de ordens diversas como a estrutura sintática, os processos anafóricos e os modos de organização figurativa contribuem para *graduar* o impacto da metáfora, a sua singularização no discurso. Em outras palavras, podemos ter efeitos

de sentido metafóricos que ora aproxima a metáfora da desmedida do acontecimento, ora a aproxima do esperado, próprio da rotina.

## 2. A metáfora entre rotina e acontecimento

Começamos com uma advertência. Não podemos nos deixar enganar pelo exemplo fornecido anteriormente por Fontanille (“essa mulher é um campo de trigo”). Um leitor apressado pode ser levado a crer que, em sua análise, o semioticista circunscreve a metáfora aos limites da frase. Puro engano, ele fala de fenômeno mais complexo, com desdobramentos textuais, que pode ser mais bem acompanhado em exemplos do tipo abaixo:

### Pôr-do-sol

O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mansur — que começou cercado de flashes há quase dois anos — terminou discretamente, sem alarde nem fotos, em Paris. A decisão partiu do jogador de pólo, que foi até a França — onde a atriz passa temporada de estudos — para finalizar a história. O motivo nenhum dos dois comenta. De lá, Ricardinho seguiu para Aspen, nos Estados Unidos, para esquiar com amigos. Já Luana preferiu ir até a Espanha... para dar aquela arejada (ÊPOCA, 21/02/2005).

Este texto *constroi* a metáfora *término de relacionamento amoroso é pôr-do-sol*. Essa relação predicativa, todavia, não se encontra realizada na superfície textual. Daí, a necessidade de se partir do processo (da metaforização) para se chegar ao produto (a sentença metafórica). O texto estabelece a tensão entre duas isotopias: a de *romance* e a de *pôr-do-sol*. Em um primeiro momento, o conteúdo expresso “O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mansur — que começou cercado de flashes há quase dois anos...” *realiza* a isotopia *romance*.

É interessante notar que o título *pôr-do-sol*, se tomado isoladamente, aparece já como uma constelação figurativa, um conjunto de traços semânticos (como *baixa luminosidade, diminuição da luz etc.*) ainda virtualizados, mas que podem ser deslocados de seu espaço figurativo para formar uma rede relacional com outras figuras, as quais podem se expandir por sequências inteiras e formarem configurações discursivas (cf. Greimas, 1977, p. 188-189).

Com o início da leitura, a figura lexemática *pôr-do-sol* passa a ser lida na isotopia de *romance*. Com isso, alguns semas como *baixa luminosidade* e *diminuição*

<sup>2</sup> Não b quer dizer tanto a ausência de b quanto o contrário de b.

<sup>3</sup> “Mariage de La carpe et du lapin”.

*gradativa da luz crepuscular* são deslocados para a periferia do campo discursivo (*virtualização*), impedindo assim a *realização* da isotopia figurativa referente do fenômeno natural *pôr-do-sol*. Por intermédio dessa operação, há uma espécie de esvaziamento da figura *pôr-do-sol*, que passa a ser um *adjuvante*, um elemento de valor eufórico, se lida na isotopia de *romance*.

Quando surge a passagem “terminou discretamente, sem alarde nem fotos, em Paris”, a isotopia *pôr-do-sol* se torna *atual*, em virtude dos semas aspectuais compreendidos nos verbos *começou* (incoativo) e *terminou* (terminativo), que convocam para a interpretação o percurso feito pelo sol no decurso de um dia, associando metaforicamente *pôr-do-sol* ao final do relacionamento amoroso.

A aspectualização produz, também, uma tensão inusitada entre as isotopias, no que se refere aos seus graus de presença no discurso: a isotopia de *romance*, embora *realizada*, encontra-se agora *fracamente assumida*, enquanto a isotopia de *pôr-do-sol* passa a ser *fortemente visada*, muito embora permaneça *atualizada*. Como podemos observar, as isotopias estão situadas em planos de profundidade diferentes. Cabe aos atos elementares de *visada* e *apreensão* determinar a força, os graus de presença, com que cada isotopia concorre (umas com as outras) para atingir a manifestação.

As expressões “cercado de flashes” e “sem alarde nem fotos” também intensificam a aspectualização e, conseqüentemente, a metaforização, pois contêm o sema, também aspectual, *luminosidade*, colocado em discurso com graus de presença distintos, de acordo com cada isotopia. O quadro abaixo organiza de forma mais didática o que foi dito:

**Incoativo:**

Começou cercado de flashes/ (conteúdo realizado) → + luminosidade → nascer do sol (conteúdo atualizado) = início do romance.

**Terminativo:**

Terminou sem alarde nem fotos (conteúdo realizado) → - luminosidade → pôr-do-sol (conteúdo atualizado) = término do romance.

Como arremate, vale citar a definição figural do aspecto, formulada por Zilberberg (2006b, p. 166), que nos ajuda a elucidar esse ponto da nossa análise: “figuralmente falando, o aspecto é a análise do *devir ascendente ou decadente de uma intensidade*, fornecendo, aos olhos do observador atento, certos *mais* e certos *menos*”. Passemos a outro exemplo:

Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara,

e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correio. Juro-lhes que *essa orquestra da morte* foi muito menos triste do que podia parecer (Assis, 2007, p. 18) [grifo nosso].

Em tal exemplo, ao contrário do anterior, a metáfora *orquestra da morte* se encontra *realizada* no plano da manifestação. À primeira vista, trata-se, em termos tensivos, de uma grandeza tônica, com elevado grau de presença no campo discursivo, pois está realizada e é fortemente visada. Supomos que essa tonicidade seja uma decorrência da tensão semântica que se estabelece entre os semas *com som*, presente em *orquestra*, e *sem som*, presente em *morte*. Essa tensão somente é possível pelo fato de que o termo *orquestra* se apresenta modificado pelo sintagma preposicionado *da morte*, articulação sintática esta que reúne figuras opostas se levarmos em conta os semas contrários *com som/sem som*.

Esta primeira análise, todavia, ainda não integra a metáfora à configuração textual. Quando isso acontece, sua *força* não se mantém a mesma por todo o texto e, por isso, não é suficiente para levar ao paroxismo as subdimensões do andamento e da tonicidade, o que a colocaria no patamar de uma “metáfora-acontecimento”.

Essa oscilação tensiva, assim supomos, decorre da função anafórica dessa metáfora, que retoma toda porção textual precedente, encapsulando-a. Observamos que este encapsulamento equivale, de certo modo, a uma sumarização de conteúdos, que minimiza a tensão entre duas isotopias, uma relacionada aos *sons produzidos em um velório* (este é apenas um termo aproximado) e outra referente à *orquestra*, postas em conexão pela expressão gerundiva *ouvindo*.

Como resultado, temos um efeito de sentido, em certa medida, previsível, da ordem do esperado. De fato, essa observação parece se confirmar quando constatamos que o verbo gerundivo *ouvindo* pertence tanto à isotopia *orquestra* quanto à isotopia *sons produzidos em um velório*. Como se não bastasse, o demonstrativo *essa* aponta (deiticamente) para a porção encapsulada, atenuando o efeito impactante da metáfora, provocando seu decréscimo no eixo da intensidade, muito embora não haja difusão significativa na dimensão da extensidade, fato este que devolveria a metáfora à sua condição de *fato*, de rotina.

Digna de nota é a *especialização*, ou, se preferirmos, a *metaforização do espaço*, que ocorre na porção textual encapsulada. Trata-se de um fenômeno de ordem cognitiva, com desdobramento na dimensão da extensidade, cujos efeitos de sentido são a *discretização*, o *afastamento* e a *dispersão* dos sons: *os soluços das damas* (sons quase inaudíveis), próximos do centro enunciativo, *as falas baixas dos homens* (sons baixos) um pouco distantes, *a chuva que tamborila distante*

(será mais uma metáfora? De um instrumento da orquestra?) e o *som estridulo de uma navalha*, marcado espacialmente por *lá fora*, ainda mais longe.

Eis, portanto, a criação de um *espaço sonoro* no texto, que aproxima as duas isotopias: da mesma forma que os sons em torno do moribundo são ouvidos separadamente (atentemos para o papel do advérbio *metodicamente*, da ordem do inteligível), os instrumentos de uma orquestra também se dispõem em diferentes posições para que possam soar harmonicamente.

Apesar desses desdobramentos, permanece uma tensão que não se resolve, pois quando uma orquestra está tocando, a despeito de sua disposição espacial (instrumentos separados), esta procura criar uma unidade sonora, uma consonância, ao passo que os sons ouvidos e descritos pelo moribundo se apresentam triados e dissonantes, com uma tendência à dispersão.

Sendo assim, mesmo que não tenha suficiente impacto para desestabilizar ou sobressaltar afetivamente o sujeito, essa metáfora parece retomar sua afetividade, pois competem, agora, entre si, as seguintes fórmulas metafóricas: a) do ponto de vista da intensidade, uma lógica concessiva, pois, *embora* orquestra *mesmo assim* dispersão sonora nos sons da morte e b) do ponto de vista da extensidade, uma lógica implicativa, pois, *se* multiplicidade sonora na morte *então* orquestra.

Isto nos obriga, portanto, a situar essa metáfora em um hiato entre a rotina, o fato, e o acontecimento, a surpresa. Analisemos o último exemplo:

Poesia é quando ao lado de um pardal o dia  
dorme antes (Manoel de Barros, 2001).

Neste verso, *espera-se o esperado*, a rotina, mas surge o *inesperado*, o *acontecimento*. Em termos tensivos, ele impacta o campo de presença do discurso, pelo aumento exacerbado das subvalências de andamento e de tonicidade, deixando, por um átimo, nula a dimensão da extensidade. Como resultado, temos uma somação que desestabiliza o sujeito, obrigando-o a trocar, a contragosto, “o universo da medida pelo da desmedida” (Zilberberg, 2006a, s.p.). O que diz essa metáfora? Aliás, qual é a metáfora?

De fato, parece tratar-se de um caso de “metáfora-acontecimento”. Se assim o for, passa-se imediatamente do discurso implicativo para o discurso concessivo? Sejamos cautelosos. Segundo Zilberberg (2004a, p. 98) não devemos nos apressar e considerar a concessão como a transformação do impossível em possível. É preciso estarmos atentos ao fato de que “a concessão *pressupõe* a implicação”. É mais justo, acrescenta o autor, admitir que a sintaxe concessiva “*potencializa* o possível afirmado pela implicação e *atualiza* como possível o impossível que a implicação declara”.

Por isso, após o *sobressalto*, é prudente analisar *extensamente* os fatores que concorrem para explicar o grau de metaforicidade dessa frase. São, em princípio,

de ordem sintática, mas com implicações semânticas. Inicialmente, a predicação parece romper com a lógica implicativa, pois a sintaxe tradicionalmente esperada é aquela em que o verbo *ser* funciona como verbo de ligação, exigindo um predicativo, mas não uma oração subordinada adverbial.

O problema é que, dessa maneira, estaríamos apenas potencializando “o possível afirmado pela implicação”, na medida em que o verbo *ser* também pode funcionar, em algumas situações, como intransitivo (no sentido de acontecer, existir), o que justificaria a oração subordinada adverbial temporal. Esta tensão, logo, ocorre entre *possíveis* e não explica completamente o paroxismo inicial das valências tensivas. A metáfora, por conseguinte, persiste sem resolução, exigindo a atualização do *impossível como possível*, própria da metáfora-acontecimento.

Ainda no território da sintaxe, podemos recorrer à ordem dos constituintes no eixo sintagmático para explicar o paroxismo das subvalências do eixo da intensidade e o caráter concessivo dessa metáfora. Se pusermos a frase na ordem direta, constatamos que o verbo *dormir* promove uma competição entre dois elementos sintáticos, *ao lado de um pardal* e *antes*, haja vista ambos pedirem um sintagma nominal introduzido por uma preposição. Contudo, o complemento de *ao lado de* se manifesta como *realizado* (*pardal*), enquanto o complemento de *antes*, encontra-se apenas *atualizado*.

Eis um ponto de partida para se explicar o valor impactante dessa metáfora: a subversão, na ordem sintagmática do discurso, da temporalidade e da espacialidade, subdimensões da extensidade, em benefício da intensidade, da exacerbação impactante do andamento e da tonicidade (ao lado de um pardal o dia dorme antes, de quê?):

O acontecimento é, portanto, essa grandeza estranha, por assim dizer, extraparadigmática, ou melhor, essa grandeza se manifesta a princípio no plano sintagmático por uma antecipação e, desse mesmo fato, espera sua identidade paradigmática. A fórmula do acontecimento comporia assim uma antecipação sintagmática e um retardamento paradigmático. O acontecimento rompe o ajuste sintomático comum do sintagmático e do paradigmático (Zilberberg, 2007, p. 18-19)

A concessão, portanto, reivindica novamente o seu lugar na explicação da metáfora, aproximando sob os nossos olhos o impossível do possível, sem, no entanto, destituir a implicação daquilo que lhe é de direito.

Do ponto de vista tensivo, essa metáfora, portanto, fica sem resposta. Cada vez que tentamos decrescer seu grau de intensidade sensível, forçando uma resolução, de natureza inteligível, ela nos impulsiona

novamente à afetividade. Por ser da ordem do acontecimento, quando tentamos apreendê-la, *ela já escapou*, restando-nos, pois, somente apreciá-la, admirá-la. No mais, tudo é rotina.

## Considerações finais

Parret (1997) nota que, na extensa literatura dedicada à metáfora, sempre houve uma tendência para negligenciar o elo intrínseco entre metaforização e sensibilidade, o que implica acentuar a potencialidade da metáfora somente para formar modelos explicativos por meio de fatores de ordem epistêmica e cognitiva.

Diante disso, a exploração de elementos tensivos nos diversos modos de manifestação da metáfora não é fortuita. Do ponto de vista analítico, compreendemos que ainda temos muito a dizer acerca do papel da dimensão sensível da metáfora na produção do sentido. Segundo Zilberberg (2006b, p. 200), ela é exemplo da eficácia analítica das categorias propostas pela semiótica tensiva, pois nada mais faz do que “efetuar uma mistura entre duas grandezas, ora a partir de suas morfologias relevantes, ora a partir de suas características tensivas”.

Em nossas análises, pudemos observar que a metáfora institui a conexão entre diferentes conteúdos discursivos, servindo-se, para tanto, dos graus de presença das isotopias e de diferentes modos de existência semióticos. O valor tensivo de uma metáfora depende, todavia, de uma série de fatores (alguns dos quais não foi possível apresentar neste artigo, como as coerções genéricas e as questões enunciativas), que cooperam para graduar o impacto da metáfora, aproximando-a ora do acontecimento, ora do fato, da rotina. Ao estabelecer a aproximação tensiva entre planos de significação distintos, a metáfora reclama por uma sintaxe concessiva, que a torna um fenômeno impactante e inesperado, da ordem do *acontecimento*.

Por isso, vemos o quanto é arriscado atribuir à metáfora significação absoluta dentro do texto. O discurso é uma atividade, não um objeto. O texto, por sua vez, uma “totalidade rítmica” (Zilberberg, 2004b, p. 23). Nas malhas do discurso, a metáfora nos fornece apenas direções de sentido. Quando ela irrompe, atacando a sequência do discurso, seja contraindo, seja distendendo esse espaço tensivo, sobrevém como “acento do sentido”, para tomarmos a feliz expressão de Cassirer, mencionada por Zilberberg (2006b, p. 166).

Sem intenção de abusar das citações, a noção de metáfora que aqui tentamos esboçar se assemelha muito ao aforismo enigmático de Valéry (1973, p. 1290): “O que já é não é ainda – eis a espera. O que não é ainda já é – eis a surpresa”<sup>4</sup>.

Correndo o risco de uma interpretação equivocada, diríamos que a resolução tensiva de uma metáfora con-

siste em “esquematar uma grandeza sintagmática já presente na ordem do sensível, mas ainda não compreendida na ordem do inteligível” (Zilberberg, 2006a, p. 189). É precisamente nesse jogo entre *surpresa* e *espera* que a metáfora mostra a sua força e o seu mistério. ●

## Referências

- Assis, Machado de  
2007. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret.
- Barros, Manuel de  
2001. *Livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude  
2001. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas.
- Fontanille, Jacques  
2007. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien  
1977. Os atuantes, os atores e as figuras. In: Bremond, Claude. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, p. 179–195.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- Parret, Herman  
1997. *A estética da comunicação: além da pragmática*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Ricoeur, Paul  
2000. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola.
- Tatit, Luiz  
1997. *Musicando a semiótica*. São Paulo: Annablume.
- Valéry, Paul  
1973. *Cahiers*. Tome 1. Paris: Gallimard/Pléiade.
- Zilberberg, Claude  
2004a. As condições semióticas da mestiçagem. In: Cañizal, E. P.; Caetano, K. E. (org.). *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura*. São Paulo, p. 69–101.
- Zilberberg, Claude  
2004b. Éloge de la concession. Disponível em: [www.claudezilberberg.net/download/eloge.html](http://www.claudezilberberg.net/download/eloge.html). Acesso em 25 de junho de 2010.
- Zilberberg, Claude  
2006a. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim.

<sup>4</sup> Tradução sugerida por Tatit (1997, p. 54) para o trecho “Ce qui est (déjà) n’ est pas (encore) - voici la surprise. Ce qui n’ est pas (encore) est (déjà) - voilà l’attente”.

Zilberberg, Claude

2006b. Síntese de gramática tensiva. *Revista Significação*, N. 25, Annablume, São Paulo.

Zilberberg, Claude

2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, N. 13, São Paulo, jun., p. 13-28. Disponível também em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/galaxia/article/view/5619/5112>. Acesso em 14 de agosto de 2010.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Leite, Ricardo Lopes

Notes to a Tensive Approach of Metaphor

*Estudos Semióticos*, vol. 7, n. 1 (2011), p. 31-38

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *The paper analyses metaphor under the bias of tensive semiotics. The primary aim is assessing the analytic performance of conceptual apparatus of such theoretical purpose to unravel meaning effects resulting from different modes of metaphor manifestation in varied types of text. Theoretical literature is based on Fontanille (2007), Fontanille e Zilberberg (2001) and Zilberberg (2004; 2006a; 2006b; 2007). In order to investigate metaphor tensive performance, this paper starts from the assumption that metaphor let itself to be apprehended within discourse in different degrees of presence and intensity. Further, metaphor is assumed to be a mechanism of production of meaning that settles the tension between two or more isotopies, using in-depth discourse content tension and different modes of semiotic existence. When it establishes the tensive approximation between distinct signification planes metaphor demands a concessive syntax that renders it an impacting and unattended phenomenon, from the order of event. Nonetheless the analysis of a small text sample shows that varied factors can enhance metaphor impact graduation, by nearing it to event, to fact and to routine. The paper deepens argumentation on the role of tensive elements within metaphor functioning in discourse in act.*

**Keywords:** *metaphor, tensivity, isotopy, event, concession*

---

## Como citar este artigo

Leite, Ricardo Lopes. Apontamentos para uma abordagem tensiva da metáfora. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://www.ffch.usp.br/dl/semiotica/es> }. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 1, São Paulo, junho de 2011, p. 31-38. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 15/12/2010

Data de sua aprovação: 22/02/2011

---